

REPORTAGEM EM CAPA



TEMER DELATA O GOLPE

E É DELATADO PELA ODEBRECHT POR
UMA TRAMOIA DE 40 MILHÕES
DE DÓLARES, ENQUANTO SEU
GOVERNO BALANÇA MAS NÃO CAI

por ANDRÉ BARROCAL

Heróis da semana,
o presidente ilegítimo
malhado como Judas
em praça pública,
e Eduardo Cunha,
preso há seis meses

CRIS FAGA/NURPHOTO/ZUMA PRESS/
FOTOARENA E HEULER ANDRE VITAF

Michel Temer tirou o Sábado de Aleluia para malhar um antigo parceiro, Eduardo Cunha, e forneceu matéria-prima valiosa a cronistas de hoje e historiadores de amanhã. Em entrevista à Band, admitiu que o *impeachment* de Dilma Rousseff nasceu de mera vingança de Cunha contra o PT. Em uma palavra: golpe. Fruto daquela desforra, o governo Temer sofre ele mesmo com confissões. Além do manjado enredo a colocar o Palácio do Jaburu, moradia de Temer desde 2011, como palco de um acerto de 10 milhões de reais em grana suja da Odebrecht em 2014, uma nova confissão na praça põe na berlinda o escritório político do peemedebista em São Paulo. Ali, segundo dois criminosos delatores odebrechtianos, teria sido sacramentada uma negociação de 40 milhões de dólares em 2010.



Atolado em suspeitas, abrigo de oito ministros investigados por corrupção, com dificuldades cada vez maiores para aprovar no Congresso o pacote completo de medidas impopulares defendidas pela turma que embarcou no revanchismo cunhista, fica a dúvida. Até quando o governo Temer resistirá?

Ao delatar Cunha, Temer disse ter sido procurado por ele antes de o então presidente da Câmara anunciar uma decisão sobre vários pedidos de *impeachment*. Era 1º de dezembro de 2015, dia em que o Conselho de Ética examinaria a cassação de Cunha, hoje corrupto condenado a 15 anos de prisão, mas na época apenas um correntista suíço mentiroso. “Vou arquivar todos os pedidos”, teria dito ele. O motivo? Uma promessa do PT de salvá-lo do enforcamento no Conselho. A tal promessa é história mal contada, o então chefe da Casa Civil de Dilma, Jaques Wagner, insinuava ter enrolado o correntista. Feliz com o que ouviu, Temer levou a notícia a Dilma. “Pode ficar tranquila porque o presidente Eduardo Cunha me disse agora que vai arquivar todos os processos de impedimento.”

A situação logo daria um giro de 180 graus. O Conselho adiou o caso Cunha para o dia seguinte. No início da tarde de 2 de dezembro, a maioria da bancada do PT enquadrou seus três membros no Conselho, votos com os quais o peemedebista escaparia da degola. O trio teria de empurrá-lo ao cadafalso sem piedade. O paraense Zé Geraldo, um dos enquadrados, apavorava-se pelos corredores da Câmara, com medo de ser apontado no futuro como responsável pelo destino fatal de Dilma e da era petista. Temer, contou o próprio na Band, recebeu então uma ligação de Cunha. E escutou: “Tudo aquilo que eu disse agora não vale, porque agora vou chamar a imprensa e vou dar início ao processo de impedimento”. Palavra cumprida por volta das 18h30.

Não foi a primeira vez em que Temer



ALEXANDRE DE MORAES PRENDEU O CHANTAGISTA DA MULHER DE TEMER NA VÉSPERA DA VOTAÇÃO DO IMPEACHMENT NO SENADO. FOI MINISTRO NO DIA SEGUINTE

explicou a queda de Dilma com razões que nada têm a ver com pedaladas fiscais. Em setembro de 2016, ele esteve em Nova York para a abertura da Assembleia-Geral anual das Nações Unidas. Na viagem, almoçou com estrangeiros endinheirados a portas fechadas em um hotel e mostrou que o *impeachment* se movera a neoliberalismo. Dilma, disse, não dera bola para um documento lançado pelo PMDB em outubro de 2015, o Ponte para o Futuro, base das medidas impopulares do governo do peemedebista, com ideias dignas dos Chicago Boys de Augusto Pinochet. “Como isso não deu certo, não houve adoção (da Ponte), instaurou-se um processo que culminou agora com a minha efetivação como presidente.”

Por que Temer resolveu encerrar o confessorário? Penitência inspirada em sua primeira Quaresma no poder? Não. Vaidade, provavelmente. O professor de Direito Constitucional chateia-se ao ser chamado de golpista. Na primeira reunião ministerial que comandou já efetivado no cargo, em agosto de 2016, fez questão de ensinar ao time como rebater o epíteto. “Golpista é você que está contra a Constituição.” Na entrevista-confissão, disse que queria

MARCELO CAMARGO/ABR E PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

O passo a passo da trama de US\$ 40 mi

1

Por obra de Jorge Zelada, indicado do PMDB para chefiar sua área internacional, a Petrobras fez um contrato de US\$ 825 mi com a Odebrecht em 2010

2

Na elaboração do projeto, ainda em 2009, Aluisio Teles, vice de Zelada, procurou a empreiteira para tramcar a vitória dela na licitação em troca de propina

3

O funcionário da empresa Rogério Araújo topou o acordo, fez reuniões com Zelada e negociou com Teles termos fraudulentos da licitação

Padilha, aqui em companhia de Moreira Franco, disse em março de 2016: "Deus do céu, é a nossa oportunidade de poder

esclarecer que não agiu em conluio com Cunha. E que "jamais militei para derrubar, como muitas vezes se diz, a senhora presidente da República". Hum, será? Pode não haver digital de Temer na aceitação do *impeachment*, mas sobram evidências de seu mergulho na causa.

Dois dias após o anúncio de Cunha, Eliseu Padilha, "preposto" de Temer na coleta de grana suja, conforme delações, e



CartaCapital contou a culpa antes dos culpados

4

Lobista do PMDB na diretoria de Zelada, João Augusto Henriques contou a Araújo qual era o valor da propina: US\$ 40 mi, cerca de 5% do contrato

5

Consultado sobre a trama, Marcio de Faria, superior de Araújo na Odebrecht, deu sinal verde ao pagamento do suborno

6

Um dos padrinhos de Zelada, Eduardo Cunha avisou Araújo: antes do contrato sair, a Odebrecht precisa ir a uma reunião com o PMDB em SP

7

Em julho de 2010, Michel Temer recebeu Cunha, Marcio Faria e Rogério Araújo em seu escritório e abençoou a negociata. Caminho aberto para o contrato

REPORTAGEM DE CAPA

hoje chefe da Casa Civil, pediu o boné do ministério de Dilma. Na semana seguinte, Temer mandou uma magoada carta à petista a queixar-se de ser um vice “decorativo”. Chefe do PMDB, articulou a ruptura do partido com o governo em março de 2016, ato imortalizado em uma foto de peemedebistas de mãos ao alto, Padilha e Cunha entre eles, a espantar o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF). “Meu Deus do céu! Essa é a nossa alternativa de poder”, disse perante estudantes, sem saber que era gravado pelo sistema interno do STF.

Tem mais. Em abril de 2016, mês em que os deputados aprovaram o *impeachment* e o remeteram ao Senado, a esposa de Temer, Marcela, foi chantageada. O telhadista Silvonei José de Jesus Souza clonou um celular e um iPad dela e obteve fotos, vídeos e mensagens da família Temer. Ele falou pelo WhatsApp com Marcela. Com base no material clonado, identificou algo a indicar que Temer “tem um marqueteiro que faz a parte baixo nível” e ameaçou jogar “na lama” o nome do marido de Marcela se não ganhasse 300 mil reais. Foi preso justamente na véspera de o Senado afastar Dilma provisoriamente do cargo, em uma operação comandada em São Paulo pelo então secretário de Segurança Pública Alexandre de Moraes. Merecidíssima, portanto, a nomeação de Moraes por Temer como ministro da Justiça no dia seguinte.

Moraes é hoje relator no Supremo de uma ação movida em setembro de 2016 pelos advogados de Dilma contra o *impeachment*. Os dilmistas alegam justamente que a deposição nasceu de vingança de Cunha, motivo suficiente para anulá-lo, segundo eles. A aparição de Temer na Band levou-os

Presos em 2015,
Rogério Araújo e...



... Márcio Faria da Silva andam
de tornozzeira eletrônica



**OS SENHORES
RETRATADOS
ACIMA
ORGANIZARAM
A TRAMOIA DOS
40 MI JUNTAMENTE
COM A CÚPULA
DO PMDB**

a cobrar de Moraes, por escrito, que tome uma decisão ou bote o assunto em julgamento no plenário. “As palavras do atual presidente da República tornam ainda mais evidente e irrefutável o reconhecimento do desvio de poder ou desvio de finalidade que marcou a instauração e o desenvolvimento do processo de *impeachment* promovido em desfavor da impetrante.”

É de se esperar surpresa no STF? Missão para quem tem fé. A Corte assistiu de camarote Cunha enforçar Dilma e só depois tomou providências contra ele, por que faria algo agora? E por que Moraes, indicado por Temer para o tribunal, prejudicaria o padrinho, e bem agora que o cargo protege o peemedebista? Nem mesmo Dilma tem interesse em voltar ao poder, com o Brasil na situação atual, comenta um antigo colaborador dela. Parece querer apenas justiça histórica.

E Eduardo Cunha? Da cadeia no Paraná rabiscou uma resposta às declarações do presidente, e o texto chegou à mídia. Ele nega ter agido por vingança e sem o conhecimento de Temer. “O verdadeiro diálogo” da dupla, escreve, ocorreu em 30 de novembro de 2015 e serviu para mostrar ao presidente um “parecer preparado por advogados de confiança mútua”, o qual “foi debatido e considerado por ele (Temer) correto do ponto de vista jurídico”. De quebra, falou de novo naquela miragem que é seu livro sobre o *impeachment*, prometido para narrar fatos da trama “em ordem cronológica com farta comprovação”.

O condenado não consegue superar a

PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO



Zelada está preso no Paraná, sentenciado a 12 anos de cadeia

mágoa de sentir-se abandonado, desprezado pelo parceiro de tantas empreitadas no seio do peemedebismo. Uma destas acaba de despontar em detalhes para infernizar a vida do presidente, fruto das delações de executivos da quadrilha, ôps!, empresa Odebrecht. Um enredo com suspeitas de que houve fraude em licitação da Petrobras a resultar em 40 milhões de dólares em propina, tudo abençoado por Temer.

Em outubro de 2010, a Odebrecht selou com a Petrobras um contrato de 825 milhões de dólares para fazer a manutenção de instalações da estatal em nove países. Era um projeto da Diretoria Internacional da petroleira, comandada à época por Jorge Zelada, engenheiro alçado ao posto em 2008 por indicação de deputados do PMDB, grupo do qual Temer fazia parte. Zelada está

hoje em cana no Paraná, perto de Cunha, sentenciado a 12 anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro.

Dois dirigentes da Odebrecht disseram ao Ministério Público Federal (MPF), em um acordo de delação premiada, que o contrato começou em fraude e terminou em propina. Trata-se de Márcio Faria da Silva, ex-presidente da Odebrecht Engenharia Industrial, e de Rogério Araújo, diretor de Novos Negócios da mesma unidade. Ambos foram presos em junho de 2015 juntamente com uma penca de odebrechtianos e mandados para casa em abril de 2016, com tornozeleira eletrônica, para ali cumprir a pena de 19 anos por organização criminosa, corrupção e lavagem recebida no mês anterior.

Araújo contou ao MPF que em 2009, quando o projeto de restauro de instalações da Petrobras no exterior era desenhado, teria sido procurado pelo número 2 da diretoria de Zelada, Aluísio Teles, e ouvido

uma oferta. Com a recompensa adequada, a licitação poderia ser arranjada para a Odebrecht. Araújo interessou-se e entabulou negociações com Teles e Zelada. A dupla teria lhe prometido *inside information* sobre os termos da futura licitação e uma contratação relâmpago, para não dar chance a concorrentes estrangeiros.

Certo dia Teles teria pedido a Araújo para a tramoia ser levada a Faria da Silva, a quem caberia liberar a grana da propina. O consultado deu sinal verde e passou a fazer das suas, como contou ao MPF. Por exemplo: reuniu-se com dirigentes de outras duas empreiteiras, a Andrade Gutierrez e a Camargo Corrêa, para dizer que estava tudo acertado a favor da Odebrecht na licitação e combinar que as competidoras fariam uma “proposta de cobertura”. Tradução: lances de mentirinha para simular uma falsa disputa na licitação. Coisa de cartel.

Durante as negociações do trambique, Araújo teria sido procurado para uma conversa mais franca por João Augusto Henriques, o homem que os deputados do PMDB realmente queriam na vaga de Zelada e que andava nas sombras pelas Diretoria Internacional. Foi Henriques, preso em 2015 e condenado a oito anos de cadeia em fevereiro de 2016, que teria fixado o preço da negociata: 40 milhões de dólares, uns 5% do valor do contrato. Para bater o martelo, teria dito ele, seria preciso antes ir a Eduardo Cunha, apontado pelos delatores como beneficiário de metade do suborno.

Araújo foi a Cunha no escritório político do peemedebista no Centro do Rio, no 32º andar do Edifício Rodolpho De Paoli, às 16 horas de 8 de julho de 2010, conforme uma anotação entregue pelo odebrechtiano ao MPF. Na conversa, o então deputado teria dito que, para selar a bandalheira de vez, era preciso reunir-se com a “cúpula do PMDB”. No caso, com o presidente do partido na ocasião, Michel Temer. Faria da Silva e Rogério

REPORTAGEM DE CAPA

Araújo foram juntos ao encontro, conforme registram e-mails trocados por eles na véspera, outro material entregue ao MPF. Foi às 11h30 na Avenida Antônio Batuíra, 470, local do escritório político do presidente na capital paulista.

Os empresários teriam sido recepcionados por Cunha no local e levados por ele à sala onde falariam com Temer. Este teria se sentado à cabeceira de uma mesa, com Cunha e o então deputado Henrique Alves, do PMDB potiguar, à direita e a dupla da Odebrecht, à esquerda. Cunha, segundo Faria da Silva, conduziu a conversa, explicou a licitação e comentou que haveria “uma contribuição muito importante para o partido” por parte da empreiteira em retribuição. Tudo com meias palavras, sem menção a valores. “Foi uma reunião para eu abençoar, dizer que estava de acordo”, afirmou Faria da Silva em depoimento gravado pelo MPF. “Era totalmente vantagem indevida, porque era um percentual em cima de um contrato.” No acordo por escrito com o MPF, ele foi ainda mais claro: “Era pura propina”. E Temer? “Assentiu”, segundo depoimento gravado de Araújo.

Cunha já dera pistas da negociata. Preso em outubro passado por ordem do juiz federal Sérgio Moro, ele arrolou Temer como testemunha de defesa e preparou 41 perguntas ao presidente. Uma dizia: “Vossa Excelência tem conhecimento se houve alguma reunião sua com fornecedores da área Internacional da Petrobras com vistas à doação de campanha para as eleições de 2010, no seu escritório político na Avenida Antônio Batuíra, nº 470, em São Paulo/SP, juntamente com o Sr. João Augusto Henriques?” Temer escapou de respondê-la, pois Moro vetou a questão, sob o argumento de que não tinha relação com o caso de Cunha. Curiosidade: o juiz e o presidente estiveram juntos e cumprimentaram-se na quarta-feira 19, nas festividades pelo Dia do Exército, em Brasília.

Será uma trama verdadeira, a contada pelos delatores da Odebrecht? Em



TRATOU-SE DE FAZER MANUTENÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA PETROBRAS EM NOVE PAÍSES POR 825 MILHÕES DE DÓLARES. HÁ DESENCONTROS SOBRE O VALOR DA PROPINA

seus depoimentos há certos desencontros, uma hora a propina seria de 3%, em outra, de 5%. Lembrar detalhes de uma conversa tida há mais de cinco anos parece mais difícil do que se vê nos vídeos dos depoimentos da dupla, gravados em dezembro. Nas gravações, nota-se como os procuradores do MPF induzem algumas respostas, veem-se os empresários a consultar anotações, sinais de que tudo já estava combinado e de que as delações só foram aceitas por atender aos objetivos dos investigadores, sabe lá quais. De todo

modo, há os e-mails de Araújo e Faria da Silva. E, quando o MPF acessar o servidor mantido pela Odebrecht na Europa, com o registro de toda a contabilidade do departamento de propina do grupo, disse Faria da Silva, será possível verificar pagamentos relacionados à negociata.

Temer não tem muitos motivos para preocupar-se do ponto de vista criminal. Enquanto estiver na Presidência, não poderá ser processado por atos anteriores ao mandato. É um assunto desgastante para o impopular mandatário, no entanto, temos outra suspeita ética contra ele. É possível inclusive que novos detalhes venham à tona para atazaná-lo. Em Brasília, há um petista enrascado na trama, o líder do partido no Senado. Com aval do STF, o MPF investiga Humberto Costa, pois ele teria levado parte da propina, coisa de 1 milhão de reais, na campanha de 2010. Segundo os delatores, a diretoria colegiada da Petrobras demorou a autorizar o contrato de 825 milhões de dólares com a Odebrecht, porque gente ligada ao PT teria sabido da trama do PMDB e queria um naco.

De qualquer forma, o presidente divulgou uma nota, gravou um vídeo para circular na web e deu entrevistas a defender-se das acusações dos criminosos. Ele admite o encontro, difícil de negar diante dos e-mails trocados pelos odebrechtianos, diz que Henrique Alves não estava e ser uma “mentira absoluta” ter se envolvido em negócios escusos. “Nunca fiz isso



ED FERREIRA/ESTADÃO CONTEÚDO. WILSON DIAS/ABR E REPRODUÇÃO

na vida”, “não vou manchar a minha biografia a essa altura da vida”, “com a vida pública, com a vida universitária, com a vida profissional, com a vida social que eu tive ao longo do tempo”. No rabisco feito na cadeia, Cunha tocou no assunto. Disse que quem chamou a reunião foi Temer, que Alves estava presente sim, mas que os dois delatores mentiram, pois não se falou em contrato da Petrobras.

Para tentar driblar seus problemas éticos e aqueles de seu governo, Temer tornou-se midiático nos últimos dias. Deu várias entrevistas a tevê e rádio, obra de conselheiros que acreditam caber ao presidente ser a comissão de frente do governo. Ação de efeito duvidoso. Dono de modos empolados e popularidade anã – 5% no Vox Populi, 9% no Ibope –, é provável que tenha levado muita gente a trocar de canal. Aliás, um outro registro histórico dos tempos do *impeachment*. No início de setembro de 2015, duas semanas após ser sacado por Dilma Rousseff da articulação política do Planalto por suspeitas de traiagem, Temer foi a um evento de paneleiros antipetistas em São Paulo e vaticinou: “Ninguém vai resistir três anos e meio com esse índice baixo” de aprovação. Dilma tinha 8%.

Nas recentes entrevistas, o objetivo do mandatário era um só. Mostrar à nação que a enxurrada de inquéritos criminais



Humberto Costa,
senador petista
enrascado na trama

abertos contra figurões da política não paralisou Brasília. Em café da manhã com ministros e deputados para discutir a reforma da Previdência na terça-feira 18, ele explicou seu périplo midiático. “Há um problema sério no País”, comentou, a “desprestigiar a classe política, e nós todos precisamos resistir. Eu tenho resistido o quanto posso.” Para quem é largamente citado na Operação Lava Jato, não resistir significaria a entrada de outro ex-presidente no rol de investigados, ao lado de Lula, Dilma e Fernando Henrique Cardoso. Talvez ainda imbuído de espírito pascoal, Temer exortou os presentes ao desjejum: “Não podemos nos acoelhar, vamos votar as reformas”.

“Atingido por dezenas de denúncias, por uma delação que não é uma delação qualquer”, diria horas depois, da tribuna da Câmara, o deputado carioca Alessandro Molon, da Rede, “o governo tenta desviar o foco da opinião pública, da imprensa, do Congresso para uma pauta supostamente positiva”.

Ao brandir o endereço paulistano, Av. Antônio Bатуira, 470, Cunha tentou assustar Michel Temer

“Presidente Michel Temer, o senhor entendeu que quem está sendo chamado de ladrão é o senhor? O senhor não entendeu a delação? O senhor não entendeu que os delatores da Odebrecht disseram que o senhor pediu propina de 40 milhões de dólares, 120 milhões de reais? E, para mudar o assunto, para mudar a pauta, tenta-se aprovar a retirada de direitos dos trabalhadores nesta Casa.”

Naquela noite o governo foi derrotado em uma dessas tentativas de retirar direitos. Com a ajuda do presidente da Câmara, Rodrigo Maia, do DEM, tentou colocar a reforma trabalhista na pauta a toque de caixa. Precisava de 257 votos para conseguir, mas só obteve 230, desfecho de um dia tumultuado na Câmara, com a invasão por policiais civis contrários a mudanças nas aposentadorias. Maia deu um golpe à Cunha e promoveu nova votação na quarta-feira 19, desta vez com o resultado desejado. No caso da reforma da Previdência, a comissão especial de deputados que examina o assunto resolveu jogar a votação para maio. Isso apesar da divulgação de uma nova proposta, bem mais amena.

Sinais de que o governo “semiparlamentarista” nascido do golpe de Eduardo Cunha vai de mal a pior. •

